

A representatividade do negro na teledramaturgia brasileira atual a partir da análise da novela *Segundo Sol*¹

Adrielle Conceição dos Anjos SANTOS²
Naila Cassia Reis Menezes de PAULO³
Kessia Santiago LOPES⁴
Katia Santos de Morais⁵
Universidade do Estado da Bahia, BA

RESUMO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa acadêmica, com o intuito de propor uma reflexão acerca da (não) representatividade do negro na teledramaturgia brasileira, tendo como recorte de análise a telenovela *Segundo Sol*, do autor João Emanuel Carneiro, produzida e exibida pela Rede Globo no ano de 2018. Assim, foi realizado um estudo de caso aplicando a metodologia de pesquisa qualitativa e a revisão bibliográfica para o embasamento teórico das discussões a respeito da Comunicação e do Racismo Institucional, citando pesquisadores como Joel Zito Araújo (2004), o Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMA) e Abdias Nascimento (1978), a fim de contextualizar historicamente os conceitos estudados para compreender como as relações raciais na Comunicação e nas Artes podem se tornar mais democráticas.

PALAVRAS-CHAVE: teledramaturgia; telenovela; representatividade; comunicação.

INTRODUÇÃO

Segundo Sol foi uma telenovela brasileira da Rede Globo, que esteve em exibição no horário nobre, conhecido como horário da “novela das nove”, no ano de 2018. O folhetim era ambientado na Bahia, em que segundo o site Notícias da TV (2018) teve a locação da história escolhida de acordo com a necessidade da emissora, junto a sua filiada Rede Bahia de recuperar a audiência local, que há anos ficava na vice-liderança,

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 - Comunicação Audiovisual, para o XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação 4ª. semestre do curso de Relações Públicas da UNEB, e-mail: adrielleconceicao96@gmail.com

³ Estudante de graduação 2º. semestre do curso de Relações Públicas da UNEB, e-mail: nailacrm@gmail.com

⁴ Estudante de graduação 4ª semestre do curso de Relações Públicas da UNEB, e-mail: kessia.lopeskksk@outlook.com

⁵ Kátia Santos de Morais. Professora do curso de Relações Públicas da UNEB, e-mail: katiamorais01@gmail.com

perdendo para a Record – BA, ou seja, uma história passada na Bahia impulsionaria nos telespectadores a curiosidade de se sentirem representados na TV.

Segundo afirma o jornalista Daniel Castro para o portal Notícias da TV (2017), durante o processo de escolha do elenco o autor da novela João Emanuel Carneiro convidou a atriz Giovanna Antonelli para interpretar Luzia Batista, personagem principal da trama, no entanto a Rede Globo não acreditou que a atriz contemplasse o papel, visto que ela não tinha traços étnicos de uma mulher baiana, visto que a Bahia é o estado com 81,4% da população autodeclarada descendente de africanos (60% pardos e 21,4% pretos), segundo dados do IBGE em 2013. Durante esse processo outras atrizes foram cogitadas, tal como Camila Pitanga e Taís Araujo, no entanto segundo a emissora devido a problemas com agenda elas não teriam como interpretar a personagem, prosseguindo então com a atriz Giovanna Antonelli. Todavia, em tempos de internet, de empoderamento de grupos tradicionalmente subjulgados, tal como o movimento feminista, movimento negro e movimento LGBTQI+, questões sobre representatividade sempre estão em pauta, e assim que o elenco começou a ser divulgado pela emissora as pessoas começaram a se questionar e reclamar a respeito da imagem da Bahia que seria transmitida na telenovela *Segundo Sol*.

Assim, o presente artigo visa realizar uma análise da (não) representação da comunidade negra através da telenovela, buscando com base no contexto histórico compreender porque da existência de uma falsa inclusão de atores negros na teledramaturgia atual, vem ocorrendo da mesma maneira estereotipada de sempre, do negro retratado como “malandro”, bandido, pobre, a empregada doméstica, o bonzinho que venceu na vida, a “gostosona”, conforme tratado por diversos autores que discutem o tema, tal como Joel Zito Araújo (2004) e Abdias Nascimento (1978), e que valem a pena serem estudados, principalmente para se entender em que ponto, diante de tantas mudanças históricas, está à teledramaturgia brasileira atual.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A mídia brasileira desde a sua instauração, reflete o racismo institucional existente no Brasil. Conforme o Instituto da Mulher Negra (GELEDÉS) e o Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA), organização não governamental feminista e antirracista, de caráter público e sem fins lucrativos, o racismo institucional é:

[...] também denominado racismo sistêmico, como mecanismo estrutural que garante a exclusão seletiva dos grupos racialmente subordinados - negr@s, indígenas, cigan@s, para citar a realidade latino-americana e brasileira da diáspora africana - atuando como alavanca importante da exclusão diferenciada de diferentes sujeit@s nestes grupos. (GELEDÉS, 2016, p.17)

Seja no emprego em organizações, serviços públicos ou privados, seja na arte, na televisão ou na literatura, no Brasil o negro não é visto como figura relevante e produtor de conhecimento, e muitas vezes nem digno da vida, onde sete em cada dez pessoas assassinadas são negras, segundo dados do Atlas da Violência, estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), em 2017. Inquietados com essa forma de pensamento e de estrutura social, diversos coletivos do movimento Anti-Racismo passaram a criar grupos artísticos e intelectuais de resistência, paralelo ao que se vê em destaque na mídia.

O dramaturgo, escritor, professor e ativista dos direitos civis Abdias Nascimento foi um desses intelectuais negros que produziram conhecimento, cultura e arte, e encontrou no Teatro Experimental do Negro (TEN) uma forma de resistência perante o racismo institucional e seus reflexos na mídia e, principalmente, no teatro. O TEN surgiu em 1944 na cidade do Rio de Janeiro com a proposta de promover a valorização social do negro através da arte, cultura e educação, ideia trazida por Abdias Nascimento depois de observar a falta de representatividade negra no teatro brasileiro, ou seja, a ausência de artistas negros e a falta de histórias que são do cotidiano específico da história da população negra, conforme afirmou:

[...] Na tentativa de contrapor a essas forças de postergação da raça negra uma barreira social, o Teatro Experimental do Negro (TEN) formou um corpo de atores e atrizes negros, os primeiros que jamais existiram fora dos estereótipos mencionados antes. Paralelamente o TEN não negligenciou a criação de textos dramáticos nos quais se remetia a experiência negro-africana. Nesses textos o afro-brasileiro poderia ver refletida, com respeito, sua personalidade humana. Um teatro que reconheceria sua dignidade como ser humano como negro. (NASCIMENTO, 1978, p.163)

Essa ausência de representatividade causou não só mobilização de grupos sociais como o de Abdias, mas também foram e são estudados por diversos autores, profissionais e estudiosos da área de comunicação, cultura e arte, dentre os quais se destacam Joel Zito Araújo. O cineasta e pesquisador mineiro Joel Zito Araújo em sua obra *A negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira*, livro e documentário lançado nos anos 2000,

realiza uma análise da telenovela brasileira entre os anos de 1963-1997. Ele foca em explorar como o negro é retratado na teledramaturgia e sobre a presença de atores negros na mesma. Tanto o livro, quanto o documentário homônimo são um manifesto do Joel Zito com as influências das telenovelas e como essa categoria de entretenimento influencia nos processos de identidade étnica dos afro-brasileiros. O livro realiza uma abordagem específica na teledramaturgia brasileira e traz através da história, depoimentos de atores e dados que afirmam a falta de representatividade negra e a presença de estereótipos existentes quando a imagem do negro aparece nas telenovelas.

Esses estereótipos se repetem ao longo de anos e também em dias atuais, alguns dos quais podemos notar inclusive na novela *Segundo Sol*. São eles: a mãe preta - chamada também de *mommy*, termo originário da língua inglesa, trata-se do estereótipo de uma mulher adulta, negra e gorda, em muitos casos já idosa, que faz de tudo pelos patrões brancos. É a típica empregada que é considerada pelos patrões como parte da família. Como por exemplo, Joel Zito aos 03min do documentário *A negação do Brasil* relata sobre a atriz Isaura Bruno que foi a primeira atriz negra a alcançar sucesso em uma telenovela chamada *O Direito de Nascer* novela da TV Tupi em 1964, onde apresenta o estereótipo de *mommy*. Na novela *Segundo Sol* pode-se notar a personagem Claudia di Mauro, a Zefa, que inclusive opta pelos seus patrões ao seu filho quando esse se desentende com ao seus “pais postiços”. Como um exemplo da *mommy*, mas para papéis representados por homens, há o fiel jagunço/guarda costas, que seria o homem adulto e negro que é considerado o braço direito do seu patrão branco. Está sempre disposto a cumprir todas as ordens que ele mandar, mesmo que para isso tenha que maltratar o próprio negro. O ator Toni Tornado é conhecido por interpretar muitos papéis com esse estereótipo e afirma no documentário *A Negação do Brasil*:

[...] eu não sei, deve ser pelo corpóreo, volta e meia eu sou um guarda-costas, eu curto também e até entendo que as pessoas tenham um tipo físico préconcebido, pré-determinado... Eu faço com muito gosto, não acredito em papéis pequenos e faço tudo com dignidade, com muita sinceridade, eu sou profissional, eu não sei se eu faço tão bem, mas procuro fazer o melhor. (TORNADO, 2000)

Além dos estereótipos já citados, há também o escravo, a empregada doméstica, a mulher nega ferosa e sensual, o malandro, o traficante, o “negro perfeito” e o negro que só serve para compor o caráter de um personagem branco. Muitos desses estereótipos são herdados do cinema norte-americano conforme afirma Joel Zito: “as primeiras novelas

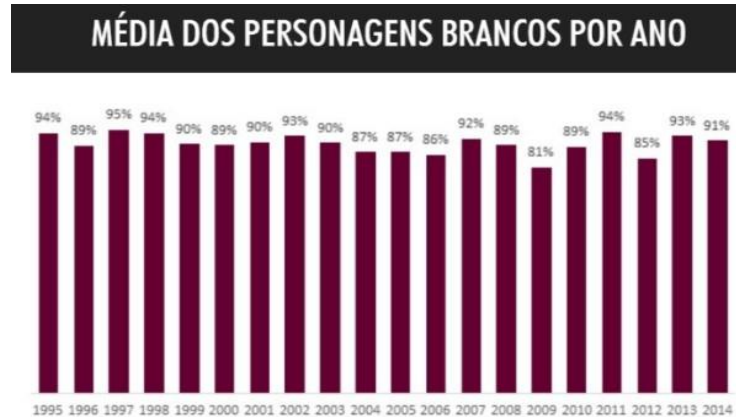
que podem ser consideradas como marcos iniciais da presença de atores negros reproduziram histórias e estereótipos de outros países da América Latina, como A Gata, lançada pela TV Tupi em maio de 1964.” Ressaltando que mesmo com a presença desses perfis estereotipados é comum nas telenovelas os personagens não terem história e nem uma família que dialogue com outros núcleos em torno da novela.

Diante do quanto citado aqui podemos perceber que esses personagens são rotineiros nos folhetins até hoje, quando não necessariamente enquadradas nesses arquétipos, causam polêmica pela abordagem que lhes é dada, como em O Outro lado do Paraíso, que precedeu obra aqui em estudo, em que Raquel (Érica Januza), resolveu estudar para ser juíza após a mãe branca de seu namorado a humilhar e conseguir separar os dois. Depois de tantos momentos de humilhação, racismo e preconceito sofridos, ao final da trama Raquel perdoou a sogra branca, depois que ela, por obra do destino, teve um neto negro do seu outro filho, mesmo ele tendo casado com uma mulher branca, já que geneticamente possuía o avô negro, situação que foi alvo de muitas críticas da mídia e redes sociais pela juíza nunca ter adotado as medidas legais, sendo representada como a “negra boa”, que perdoou sua agressora. Além desse caso, ainda houve o de Cido (Rafael Zulu), negro e assumidamente homossexual, mas que pela não aceitação da mãe do seu parceiro quanto à sua orientação sexual, era tratado como empregado da casa por ela e pela ex-mulher do seu namorado, sendo menosprezado por ser gay diversas vezes, se sujeitando à situação análogas a escravidão pelo amor sentido ao seu parceiro, demonstrando mais uma vez a bondade do homem negro que se sujeita ao branco, perdendo-o ou cedendo aos seus caprichos simplesmente para ter aceitação. Esses casos ilustram apenas alguns recentes das novelas da TV Globo especificamente e que caberiam fielmente nas proposições dos autores tratados acima.

Para além das questões dos estereótipos, pode-se salientar também o pouco número de atores negros que compõem as obras de teledramaturgia e demais produtos na televisão brasileira hoje. Em média, as novelas globais possuem 90% de personagens representados por atores/atrizes brancos e apenas 10% por pretos ou pardos (GEMA, 2014). Tal cenário não condiz com a realidade da diversidade nacional já que, segundo dados do IBGE, a população de pretos e pardos excede a de brancos (vide imagem 1 abaixo). Essa estatística foi gerada a partir de uma pesquisa executada pelo Grupo de

Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA), que observou dados de novelas entre 1995-2014.

Imagem 1- Média dos personagens brancos por ano



Fonte: GEMAA, 2014

Nota-se, portanto, o estudo do GEMAA continua muito atual, mesmo completando quase cinco anos que foi feita. Ao analisar o caso específico da novela *Segundo Sol*, percebe-se que esses índices e estereótipos são perfeitamente enquadrados, e esse é o objetivo da seção que segue.

CASO SEGUNDO SOL

A telenovela *Segundo do Sol* estreou no Brasil em 14 de Maio de 2018, no “horário nobre” da Rede Globo de televisão, às 21h00, substituindo a telenovela *O outro lado do paraíso*, de Walcyr Carrasco. *Segundo Sol* é escrita por João Emanuel Carneiro, com direção artística de Dennis Carvalho e direção geral de Maria De Médicis. Classificada como romance, desenvolve seu enredo no estado da Bahia e é dividida em duas fases: a primeira se passa no ano de 1999 e a segunda no ano de 2018, necessitando da produção da novela realizar uma pesquisa linguística e cultural da Bahia atualmente, mas também em 1999, visto que existe uma mudança considerável nos hábitos e costumes dessa região.

O enredo da novela tem a proposta de contar a história do cantor de axé Beto Falcão (Emílio Dantas), dono do hit do Carnavalesco chamado *Axé Pelô*, que no final dos anos 1990 começa a passar por um declínio na sua carreira, por esse motivo, aceita uma proposta de show na cidade de Aracajú, no estado de Sergipe, mas o cantor perde a hora de seu voo e resolve voltar para casa e dormir. No entanto, o avião que o cantor iria pegar para realizar seu show em outra cidade acaba caindo e o cantor é dado como morto por parentes e mídia. Com a morte do protagonista a namorada de Beto Falcão, Karola

(Deborah Secco), juntamente com seu irmão Remy (Vladimir Brichta), o convence a manter a mentira de que ele está morto. Assim, o cantor resolve sair de Salvador e seguir para a cidade de Boiporã, localizada no litoral do estado da Bahia, lá, ele muda o seu visual e utiliza o nome de Miguel, aluga uma casa simples e conhece a Luzia (Giovanna Antonelli), uma marisqueira de vida simples e que mora com os filhos Ícaro (Thales Miranda) na primeira fase e (Chay Suede) na segunda e Manuela (Rafaela Brasil) na primeira fase e (Luisa Arraes) na segunda fase da novela.

Luzia e Beto Falcão se apaixonam e vivem um grande romance, mas Karola volta a cidade de Boiporã e percebe que está perdendo o seu namorado e sua chance de enriquecer com a repercussão da falsa morte do cantor, assim, com o auxílio de Laureta (Adriana Esteves), Karola consegue separar Luzia e Beto Falcão, destruindo a vida de Luzia, que se vê obrigada a sair do Brasil e abandonar seus filhos ainda crianças. A novela *Segundo Sol*, desde as suas chamadas iniciais causou controvérsia por não ser representativa quanto à presença de atores negros no elenco principal, visto que a Bahia “possui o maior índice de pessoas autodeclaradas pretas no Brasil” onde 76% dos habitantes se declaram pretos (IBGE, 2013).

Em uma postagem do site *Huffpost Brasil* analisou o elenco da novela, colheu dados⁶ e concluiu que apenas tinham 3 atores negros no elenco, os atores eram: Fabrício Boliveira, que vive na novela o Roberval Ferreira da Silva e faz par romântico com Cacau (Fabiula Nascimento), irmã de Luzia; também o ator Danilo Ferreira, que vive o Acácio Pereira, que na trama é um professor de capoeira e namorado de Manuela; e a atriz Roberta Rodrigues, que vive a Doralice Falcão, e é casada com Ionan (Armando Babaioff), irmão de Beto Falcão. A disparidade do número de negros chamou tanto a atenção que até a imprensa internacional⁷⁸ tratou sobre o tema, fazendo inclusive uma analogia com a comemoração de aniversário da abolição da escravatura no país, mas ao que parece, muito ainda precisa ser modificado no que diz respeito à amostragem da diversidade existente no nosso país. Mais absurdo ainda os números soam quando observa-se a pesquisa realizada pela GEMAA, 2014, a qual conclui que, das 156 telenovelas brasileiras que

⁶ Foi realizada a seguinte análise: Dos 26 nomes que participam do folhetim, apenas três são negros. Desses, somente o ator Fabrício Boliveira aparece nas chamadas divulgadas pela emissora.

⁷ BAHIA is Brazil's blackest state – but you'd never guess it from latest TV soap. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/may/18/brazil-segundo-sol-telenovela-white-black-cast-race>>. Acesso em:

⁸ Mai2018

foram lançadas entre 1985 e 2014, a média de personagens centrais representados por atores e atrizes brancos é de 91,2%. Em se tratado de uma novela que retrata o estado brasileiro com o maior número de negros, há muito que se discutir e exigir e é sobre esse local de fala que o próximo capítulo tratará.

QUEM CALA, CONSENTE (OU O NÃO CALAR)

Quando se fala em redemocratização do Brasil, fim da censura imposta pelo regime militar pode-se imaginar que a sociedade brasileira passou a viver em um país em que todas as questões sociais vão voltar a estar em questão, a ser o foco central e resolvidas com diálogo por essa sociedade que a compõe. Contudo, isso de fato não ocorreu. Obviamente muitos aspectos melhoraram no país em termos de autonomia e liberdade de expressão, mas as mudanças essenciais pelas quais as pessoas precisavam passar para lhes dar igualdade faz parte da história mais recente do país. A educação e a pobreza continuaram atreladas, mas de forma negativa, já que os pobres continuaram a não acessar a educação superior, por exemplo, além da educação fundamental não ser de qualidade devida, não permitindo a disputa justa com pessoas com melhores condições e que tinham acesso a redes particulares de ensino.

O empoderamento é um termo oriundo da tradução da palavra em inglês “empowerment”, onde no contexto dos Estados Unidos passou por diversas mudanças quanto ao seu significado, sendo atualmente relacionado como sinônimo de emancipação social e a luta dos movimentos sociais. A partir desse novo quadro socioeducativo, não é de se estranhar que, diante da propaganda em torno da novela *Segundo Sol* e da ausência de atores negros numa obra que representa a Bahia, com sua população formada 80% por pessoas com essa característica étnica, diante da nova formação social do Brasil, do empoderamento de grupos antes excluídos e o maior espaço cedido pela internet, às mobilizações existiriam. O que não era de se esperar talvez seja que elas ganhassem forma a coagir uma das maiores emissoras de televisão e produção midiática do mundo a repensar a sua postura e impor a forma de conduzir o seu produto final. A partir do momento em que a TV Globo divulgou o seu elenco e as mobilizações se iniciaram várias foram às alegações sempre de péssimo tom acerca dos motivos pelos quais não foram escalados atores negros para os papéis de protagonistas e os muitos outros que a obra

retrata, dentre os quais tratou de informar sobre os seus critérios para escalação, onde em nota afirma que:

[...] rejeita a representatividade racial como critério de escalação de elenco. “Os critérios de escalação de uma novela são técnicos e artísticos. A Globo não pauta as escalações de suas obras por cor de pele, mas pela adequação ao perfil do personagem, talento e disponibilidade do elenco. E acredita que esta é a forma mais correta de fazer isso. (Portal Ibahia, 2018)

No seu pronunciamento a emissora não só desatrela a cor da pele, que traria realismo à obra pelo motivo que foi retratado acima, uma estatística comprovada anualmente pelo IBGE, como dá a entender que as pessoas de pele negra que haviam sido consideradas estavam indisponíveis e as demais não tinham o talento necessário para assumir os papéis. A partir da divulgação da nota, um grupo de atores da própria telenovela se reuniu com a Direção da emissora para questionar a representatividade dos profissionais negros na obra. Nesse novo contexto, a emissora começa a perceber a relevância do tema e ameniza o seu discurso, assumindo que de fato a representatividade ainda seria menor do que a desejada, mas que estava buscando melhorar nesse sentido, inclusive para a segunda fase da novela, porém, a segunda nota traz aspectos que causaram nova comoção social:

[...] Um grupo de atores de Segundo Sol procurou a diretora da DAA (Desenvolvimento e Acompanhamento Artístico), Monica Albuquerque, para conhecer o posicionamento da empresa sobre os comentários críticos à escalação da novela que circularam nas redes sociais no fim de semana. Ouviram da Globo o que ela já havia esclarecido à imprensa. Que uma história como a de Segundo Sol, também pelo fato de se passar na Bahia, nos traz muitas oportunidades e, sem dúvida, reflexões sobre diversidade na sociedade, que serão abordadas ao longo da novela, que está estruturada em duas fases. Que as manifestações críticas que vimos até agora estão baseadas sobretudo na divulgação da primeira fase da novela, que se concentra na trama que vai desencadear as demais. Que estamos atentos, ouvindo e acompanhando esses comentários, seguros de que ainda temos muita história pela frente. Foi colocado que, de fato, ainda temos uma representatividade menor do que gostaríamos e vamos trabalhar para evoluir com essa questão. É importante esclarecer que conversas como as que aconteceram ontem são comuns e, inclusive, encorajadas numa empresa que preza a transparência e o diálogo com seus colaboradores. (Ibahia, 2018)

Diante do novo posicionamento e da restrição do quadro de atores negros aos três citados na nota, novas mobilizações começaram a surgir, principalmente na internet, como o movimento “Eu poderia estar na novela *Segundo Sol*⁹”. A campanha trouxe a

⁹ https://www.facebook.com/pg/tricktudooficial/photos/?tab=album&album_id=2101895286708504

possibilidade de outros 50 atores negros globais que estariam “aptos” a atuar na novela da emissora e que fariam cair por terra o argumento utilizado na nota. Teve alta aderência, inclusive de atores brancos de fora da emissora e não foi uma ação isolada. Nas redes sociais, nos grupos de teatro baianos, nas rodas de conversa na cidade e de algumas partes do país não se falou em outra coisa senão a escalção dos atores globais como baianos e essas manifestações ocorreram justamente por esse atual quadro proporcionado pela nova lógica social de representatividade e empoderamento dos grupos que antes eram excluídos e silenciados. Prova disso é a proposição da criação da Associação dos/as Profissionais do Audiovisual Negro (APAN), encabeçada pela advogada e cineasta Viviane Ferreira, baseada principalmente na pesquisa do GEMAA), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), no que diz respeito ao cinema, em que as vinte maiores bilheterias de cada ano, considerando de 2002 a 2014, resultou nos seguintes números: 84% dos cineastas são homens brancos; 14%, mulheres brancas; e 2%, homens negros, com isso, Viviane concluiu o mesmo que percebe-se na discussão aqui em questão:

O público não aceita mais essa narrativa viciada proposta pelo homem branco, heterossexual e endinheirado. Ele não consegue mais fazer o seu capital render vendendo a narrativa viciada. E aí há o momento de transição e precisamos pensar como reorganizar o diálogo e essas relações no mercado audiovisual – um diálogo de desconstrução de desigualdades. (PITA, 2018)

A partir daí houve manifestação inclusive do Ministério Público do Trabalho do Rio de Janeiro através da Coordenadoria Nacional de Promoção de Igualdade de Oportunidade e Eliminação da Discriminação no Trabalho (Coordigualdade), que emitiu a Notificação Recomendatória/DIP/PRT1ª/Nº 163.181/2018¹⁰, baseada na Constituição federal de 1988 e no Estatuto da Igualdade Racial, recomendando que a Rede Globo de Televisão adotasse medidas para enquadrar a novela e demais produtos de forma a promover ações que assegurem a igualdade de oportunidades no mercado de trabalho para a população negra. Dentre as 14 recomendações previstas, está a instituição de um Grupo de Trabalho que retrate sobre o tema, realizar um levantamento sobre o número de atores, jornalistas e comentaristas negros que participam dos seus produtos, promover ações internas e campanhas visando promover a igualdade racial, realizar adequações no roteiro na novela *Segundo Sol*, de forma que os negros tenham maior representatividade.

¹⁰ MINISTÉRIO Público do Trabalho. **Notificação Recomendatória/DIP/PRT1ª/Nº 163.181/2018**. Rio de Janeiro, 2018

Nota-se, portanto, que a sociedade não se cala mais diante de injustiças e manutenção de estereótipos e padrões muitas vezes advindos desde a colonização do Brasil. O momento é outro, bem como a educação da população. Os grupos sociais antigamente silenciados, hoje tem voz e sabem dos seus direitos e como acioná-los, por isso as políticas públicas em educação foram tão importantes para chegarmos ao panorama atual do país. Esse argumento foi bem resumido por MIELKE, 2017, em seu artigo *Negros E Mídia: Invisibilidades*, para o site *Le Monde diplomatique Brasil*:

Os exemplos mostram que existem avanços, impulsionados em sua maioria pelas ações históricas do movimento negro e pelo empoderamento dos jovens negros da periferia nos últimos quinze anos (graças ao hip hop ou a movimentos mais ligados à arte urbana e à estética). A adoção de cotas nas universidades, as organizações de cursinhos populares negros nas periferias e a produção de políticas de inclusão em âmbito federal corroboram neste cenário. (MIELKE, 2017)

É importante ressaltar que a luta pela presença de atores negros em telenovelas não é apenas por números e dados, mas sim porque, mesmo com a inovação tecnológica constante no mundo, a televisão ainda é a forma de informação e entretenimento mais usada pelo brasileiro, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 - Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira, e suas telenovelas são assistidas diariamente pela sua população que é impactada pelos símbolos, diálogos, trajes e cultura. A partir do momento em que o negro não está inserido e não é representado nela, o que ocorre é uma reafirmação de todo esse sistema social que exclui, renega e demoniza tudo que é de origem Africana. O que se espera, portanto, não é que o Brasil precise de um *Segundo Sol* para refletir a sua realidade social, política, cultural e artística, mas que ele brilhe para todos de maneira justa e equitativa, valorizando o que é intrínseco, e não reafirmando práticas eurocêntricas ultrapassadas.

Em contrapartida ao posicionamento da Rede Globo de que os atores da novela foram selecionados exclusivamente por talento e disponibilidade, a quantidade de artistas afrodescendentes presentes no Brasil em carreira solo ou em grupos e coletivos teatrais e audiovisuais é crescente a cada dia. Dentre eles se destaca o Bando de Teatro Olodum, companhia de teatro baiana constituída apenas por integrantes negros, criada em 1990 com o intuito de combater o racismo através da representatividade e empoderamento, debatendo assuntos políticos, culturais e sociais, relatando histórias vividas pelos negros

baianos. Esse projeto demonstra que existe produção intelectual, cultural e artística exposta e construída por afrodescendentes, os quais, inclusive, poderiam ser aproveitados para compor o elenco de *Segundo Sol*, mas não para compor o elenco de apoio, mas sim como atores principais, até para que tenham a carreira alavancada e maiores oportunidades de expor o seu trabalho, sua vivência, nossa história.

MUDANÇA DE POSTURA

A Rede Globo desde o início da divulgação de elenco da novela *Segundo Sol* passou a receber duras críticas quanto à questão da representatividade negra, sejam elas do movimento negro, de telespectadores, do próprio núcleo da novela e até mesmo do Ministério Público do Trabalho do Rio de Janeiro (MPT-RJ). Assim, a emissora não teve alternativa a não ser realizar alterações no folhetim, mesmo que mínimas.

Segundo o portal de notícias TV e Famoso, do site Uol, por consequência de toda a repercussão gerada a emissora passou a divulgar com maior ênfase as chamadas com a história de Roberval (Fabrício Boliveira), único personagem negro no elenco principal da trama. No dia 24 de Maio deu início a segunda e definitiva fase da novela, que junto à leva inicial de atores recebeu um aumento no número de atores negros na trama, sendo eles Danilo Ferreira (Acácio), Roberta Rodrigues (Doralice), Tarsila Lima (Júnia) e Ícaro Zulu (Doni). Ao longo da novela foi observado um aumento notório de atores negros, mas não no núcleo principal, o aumento era perceptível nas funções de figuração e personagens com participações rápidas, segundo o blog Sala de Tv.

Posteriormente também após a notificação do MPT-RJ atores negros foram contratados em longo prazo, como David Junior e Jonathan Azevedo, outra ação que virou notícia foi a do especial de fim de ano da Rede Globo com elenco de 99% constituído por negros, segundo o portal RD1, do site Terra. No entanto, a emissora não se pronunciou publicamente a respeito dessas alterações como sendo consequência da repercussão gerada pela novela *Segundo Sol*.

CONCLUSÃO

Acontece que mesmo depois da libertação dos negros escravizados o preconceito ainda está intrínseco à sociedade brasileira, ainda que a maioria afirme não ser preconceituosa, a democracia racial é uma meta que ainda está longe de ser atingida e um

mito da sociedade brasileira. A grande mídia tem de perceber que os tempos são outros, a sociedade hoje não são somente telespectadores, os grupos tem voz, são telespectadores ativos, que recebem as mensagens e as questionam, vão além disso, buscam respostas e mudanças de comportamento, e as organizações sabem que são grandes esses impactos em quando a repercussão é negativa.

É importante ressaltar que a luta pela presença de atores negros em telenovelas não é apenas por números e dados, mas sim porque, mesmo com a inovação tecnológica constante no mundo, a televisão ainda é a forma de informação e entretenimento mais usada pelo brasileiro, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 - Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira, e suas telenovelas são assistidas diariamente pela sua população que é impactada pelos símbolos, diálogos, trajes e cultura. O que se espera, portanto, não é que o Brasil precise de um *Segundo Sol* para refletir a sua realidade social, política, cultural e artística, mas que ele brilhe para todos de maneira justa e equitativa, valorizando o que é intrínseco, e não reafirmando práticas eurocêtricas ultrapassadas.

REFERÊNCIAS

_____. **O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/16.pdf>>. Acesso em: 30Mai2018.

_____. **A Negação do Brasil. (Documentário). Brasil/São Paulo: Casa de Criação, 2000, 92min.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PrrR2jgSf9M>>. Acesso em: 25 maio 2018.

ARAÚJO, Joel Zito. **A Negação do Brasil: o Negro na Telenovela Brasileira.** 2. ed. São Paulo: Denac, 2004.

ATORES da Globo se reúnem e questionam falta de negros em novela. Disponível em: <<https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/globo-se-pronuncia-sobre-ter-poucosatores-negros-em-segundo-sol/>>. Acesso em: 07Jun2018.

BAHIA is Brazil's blackest state – but you'd never guess it from latest TV soap. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/may/18/brazil-segundo-soltelenovela-white-black-cast-race>>. Acesso em: 31Mai2018.

CAMPOS, Luiz Augusto & FERES JÚNIOR, João. **“Globo, a gente se vê por aqui?”:**

Diversidade racial nas telenovelas das últimas três décadas (1985-2014). In: PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.23.1, 2016 p.36-52.

CAMPOS, Luiz Augusto, CANDIDO, Marcia Rangel & FERES JÚNIOR, João. **A raça e o gênero nas novelas dos últimos 20 anos**. Disponível em:

<<http://gema.iesp.uerj.br/infografico/infografico3/>>. Acesso em: 03Jun2018.

CARRANÇA, Flávio & BORGES, Rosane da Silva (Orgs). **Espelho Infiel: o negro no jornalismo brasileiro**. Imprensa oficial: São Paulo, 2004.

CARVALHO, João Deusdete de. **Políticas públicas e inclusão social no Brasil: um olhar sobre a educação superior**. Disponível em:

<<https://jus.com.br/artigos/49835/politicas-publicas-e-inclusao-social-no-brasil-umolhar-sobre-a-educacao-superior>>. Acesso em: 16Jun2018.

FERNANDES, Florestan. **O genocídio do negro brasileiro: processo de racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1978.

GLOBO se pronuncia sobre ter poucos atores negros em “Segundo Sol. Disponível em: <<https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/globo-se-pronuncia-sobre-ter-poucosatores-negros-em-segundo-sol/>>. Acesso em: 07Jun2018.

MACHADO, Priscila. **Bahia apresenta o maior número de negros**. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/1546867-bahia-apresenta-o-maior-numero-denegros>>. Acesso em: 30Mai2018.

MIELKE, Ana Claudia. **Negros e mídia: invisibilidades**. 2017. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/negros-e-midia-invisibilidades/>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

MINISTÉRIO Público do Trabalho. **Notificação Recomendatória/DIP/PRT1^a/Nº 163.181/2018**. Rio de Janeiro, 2018.

MORENO, Sayonara. **Cidade mais negra fora da África, Salvador completa 467 anos**. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-03/os-467anos-de-salvador-cidade-mais-negra-fora-da-africa>>. Acesso em: 04Jun2018.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1978. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/0B_W2MHgG528OOUdRTXFMcUVOV2s/view?pref=2&pli=1>. Acesso em: 10Jun2018.

PIMENTA, Guilherme. **MPT quer adequações em novela da Globo para garantir representatividade racial.** Disponível em: <<https://www.jota.info/tributos-eempresas/trabalho/segundo-sol-mpt-negros-11052018>>. Acesso em: 16Jun2018.

PITA, Marina. **Associação vai exigir ações afirmativas para negros/as no audiovisual.** 2016. Disponível em: <<http://www.intervozes.org.br/direitoacomunicacao/?p=29567>>. Acesso em: 21 mar. 2018

RODRIGUES, João Carlos. **O negro brasileiro e o cinema.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

RODRIGUES, Luiza. **O negro na teledramaturgia:** antigos estereótipos e a busca por uma nova representação. Disponível em: <<http://mediabox.observatorioaudiovisual.com.br/2017/08/o-negro-na-teledramaturgia-antigos.html>>. Acesso em: 04Jun2018.

'**segundo Sol**': conheça o elenco da próxima novela das 9. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/novelas/segundo-sol/noticia/segundo-sol-conheca-o-elenco-da-proxima-novela-das-9.ghtml>>. Acesso em: 30Mai2018.

TERTO, Amauri. **“Segundo Sol”:** A Bahia branca da novela é bem diferente da Bahia real, com 76% de negros. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/04/30/a-ausencia-de-atores-negros-em-segundo-sol-novela-da-globo-ambientada-na-bahia_a_23424010/>. Acesso em: 04Jun2018.

TV é o meio preferido de 63% dos brasileiros para se informar, e internet de 26%, diz pesquisa. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/midia-emarketing/noticia/tv-e-o-meio-preferido-por-63-dos-brasileiros-para-se-informar-e-internet-por-26-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 10Jun2018.

WERNECK, Jurema. **Racismo Institucional:** uma abordagem conceitual. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/FINAL-WEBRacismo-Institucional-uma-abordagem-conceitual.pdf>>. Acesso em: 30Mai2018.